

DE EXU AOS PRETOS VELHOS – A ENCRUZILHADA COMO REENCONTRO COM A ANCESTRALIDADE

From Exu to black old men - The crossroads as an encounter with ancestry

De Exu a los negros viejos – La encrucijada como reencuentro con la ancestralidad

Ana Caroline da Silva Santos
Alexandre de Oliveira Fernandes

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo mostrar a religiosidade como instrumento para a decolonização de saberes eurocêntricos. Através de uma reflexão traçada por novos olhares e saberes, a ancestralidade vem se fazer presente para a desconstrução de verdades tidas como únicas. Dentro da encruzilhada, lançando um olhar para os caminhos mostrados e os encontros deles num único lugar, Exu nos leva para encruzilhadas várias, para que possamos sair da inércia, fortalecendo o movimento que, nove fora, é a vida. Baseado na leitura de teóricos que percebem a religiosidade como território de descobertas epistemológicas que permitem um (re)encontro consigo e com o outro como unidade e pluralidade, esse relato leva à reflexão sobre nossas práticas e conceitos outrora baseados numa visão eurocentrada. Nesse texto, religião, escola e universidade são apresentadas através dos caminhos encontrados na encruzilhada para uma percepção da construção de identidade baseada nas filosofias africanas. E, a partir dessa experiência, lançar uma nova perspectiva sobre a educação e a maneira como educadoras e educadores podem atuar de forma significativa nos espaços formais de saberes.

Abstract: This experience report aims to show religiosity as an instrument for the decolonization of Eurocentric knowledge. Through a reflection traced by new perspectives and knowledge, ancestry comes to be present for the deconstruction of truths considered as unique. Inside the crossroads, taking a look at the paths shown and their encounters in one place, Exu takes us to several crossroads, so that we can get out of inertia, strengthening the movement that, nine out, is life. Based on the reading of theorists who perceive religiosity as a territory of epistemological discoveries that allow a (re) encounter with themselves and with the other as unity and plurality, this report, leads to reflection on our practices and concepts formerly based on a Eurocentralized vision. In this text, religion, school and university are presented through the paths found at the crossroads for a perception of the construction of identity based on African philosophies. And, based on this experience, launching a new perspective on education and the way educators can act significantly in formal spaces of knowledge.

Resumen: Este relato de experiencia tiene como objetivo mostrar la religiosidad como un instrumento para la descolonización del conocimiento eurocéntrico. A través de una reflexión trazada por nuevas perspectivas y conocimientos, la ascendencia llega a estar presente para la desconstrucción de verdades consideradas únicas. Dentro de la encrucijada, observando los caminos que se muestran y sus encuentros en un solo lugar, Exu nos lleva a varias encrucijadas, para que podamos salir de la inercia, fortaleciendo el movimiento que, nueve fuera, es vida. Basado en la lectura de teóricos que perciben la religiosidad como un territorio de descubrimientos epistemológicos que permiten un (re) encuentro con ellos mismos y con el otro como unidad y pluralidad, este relato, lleva a la reflexión sobre nuestras prácticas y conceptos anteriormente basados en una visión eurocentralizada. En este texto, la religión, la escuela y la universidad se presentan a través de los caminos que se encuentran en la encrucijada para una percepción de la construcción de la identidad basada en las filosofías africanas. Y, en base a esta experiencia, lanzar una nueva perspectiva sobre la educación y la forma en que los educadores pueden actuar significativamente en los espacios formales de conocimiento.

Palavras-chave: Ancestralidade; Educação; Encruzilhada; Exu.

Keywords: Ancestry; Education; Crossroads; Exu.

Palabras clave: Ancestralidade; Educación; Encruzijada; Exu.

INTRODUÇÃO– PEÇO AGÔ¹

“Deu meia noite a lua se escondeu
lá na encruzilhada dando a sua gargalhada
Tranca-rua apareceu
é laroyê é laroyê, é laroyê
é mojubá, é mojubá, é mojubá
ele é odara dando a sua gargalhada
quem tem fé em Tranca-rua é só pedir que ele dá!”²

Início esse texto pedindo agô, necessito da licença das/dos ancestrais para falar das experiências vividas na companhia delas/es. Peço licença também a cada leitora/leitor e os convido para esse compartilhamento de uma experiência que é física e metafísica ao mesmo tempo, pois tudo que envolve o orixá Exu é transversal, multiverso, tem múltiplas faces.

O trabalho foi aberto com a gargalhada de Exu, como forma de transgredir a colonialidade que tem marcado a sua presença no território americano desde o período colonial, lançando as garras coloniais como a de uma fera, extraindo a vitalidade dos seres os quais ela faz de presa. Arrancar as garras ou as marcas da colonialidade dos corpos e pensamentos é um processo difícil, por isso, em muitos casos o encantamento (que as vezes vem da encruza e com uma gargalhada) trazido pela ancestralidade, se faz presente para nos auxiliar a expurgar esses miasmas que ficam grudados nas marcas deixada pela colonialidade do ser.

Cada processo para a retirada dos miasmas deixados pela colonialidade vai acontecer de forma diferente. Nesse texto, discutiremos a encruzilhada agindo na decolonialidade do ser a partir da experiência da ancestralidade que se apresenta através da religiosidade, e se alarga para outros espaços. Para esse encantamento, ouvimos as vozes que nos amparam e indicam que “somos fruto de nossa ancestralidade, de quem veio antes e da nossa comunidade, nossa subjetividade é tecida pela comunidade que se tece desde nossa subjetividade” (MACHADO, 2020).

O encontro com a encruzilhada se deu através das molecagens de Exu, que a todo momento nos inspira ao movimento, à gira, às vertigens do rodopio, que nutre as nossas incertezas e nos instiga à transformação dos conceitos incrustados como miasmas, enrijecendo nossos corpos e mentes, ao ponto de nos tornar inertes e aceitar toda a

¹ Pedir agô, nos terreiros de Umbanda é pedir licença.

² Ponto de Exu Tranca-rua, domínio público.

colonialidade imposta sem questionar se a acatamos por imobilidade ou por nossa própria vontade.

Exu, nos permite a transgressão. Ele não a faz por nós, mas despe as certezas e nos coloca na encruzilhada. “Lá na encruza existe um homem/mulher valente”³ que não teme os olhares coloniais, mas os desafia a uma outra mirada. Rufino (2016) já nos adverte que a encruzilhada é um campo de possibilidades. Nesse relato, apresentamos três possibilidades que se cruzam e inter cruzam na encruzilhada. Visto que as encruzilhadas são

campos de possibilidades, tempo/espço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam. Uma opção fundamentada em seus domínios não versa, meramente, por uma subversão. Dessa forma, não se objetiva a substituição do Norte pelo Sul, do colonizador pelo colonizado, dos centrismos ocidentais-europeus por outras opções também etnocentradas. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão. (RUFINO, 2016, p. 03)

Por ser espaço de potência, a encruzilhada não é vista aqui como caminho apenas de Exu, mas também de preta e preto velho, que aparecem para dar a segurança necessária para o rodópio realizado na encruzilhada, tecendo o cosmoencantamento⁴ que vem da ancestralidade que acessamos em nós, num encontro conosco e com nossas/os ancestrais, numa ação conjunta para a descolonização do próprio ser e dos espaços por onde transitamos.

Enxergando através da encruzilhada, observamos que não há um só caminho, mas caminhos que estão interligados, que se unem e se separam. Exu nos coloca na encruza porque ele é “aquele que vai e volta e dá voltas no pensamento, espiralado e à moda de uma conversa como esta, com seus movimentos e voltas no pensamento, lega a existência e o acontecimento” (FERNANDES, 2018), e nem adianta esquentar o pensador, porque quando pensamos que apreendemos algo, Exu vem e desfaz, porque o desejo dele é o movimento, porque esse é também o desejo da vida.

CHEGANDO NA ENCRUZILHADA

O ser humano é forjado dentro das relações que estabelece durante toda a sua existência. Dentro do percurso histórico de cada ser, os encontros e desencontros são os mestres que mostram os caminhos. Mas o que fazer quando chegamos à encruzilhada? A

³ Fragmento do ponto de Exu. Domínio público.

⁴ Para mais detalhes sobre o cosmoencantamento ver MACHADO, Aldibênia Freire. Filosofia Africana desde saberes Ancestrais Femininos: Bordando perspectivas de descolonização do Ser-Tão que há em nós. **Revista da ABPN** • v. 12, n. 31 • jan – fev 2020, p. 27 a 47.

encruzilhada é o encontro dos caminhos é o contrário do singular que passamos a vida toda buscando. Na encruzilhada, nos desconstruímos, não há uma só estrada, um só rumo a seguir. É nesse encontro de caminhos que começo esse processo de desconstrução de paradigmas, pois ali, no centro, entre três opções de caminho há movimento. Se há caminhos, movimentos e encruzilhadas ali está Exu.

Exu, o orixá que está mais próximo do homem. Aquele que é o mensageiro entre a humanidade e os orixás. Acredito que ele me levou até a encruzilhada e estava se divertindo com as minhas dúvidas sobre qual caminho tomar. Não que ele seja o mal que tantos dizem, mas por perceber que só me colocando na encruzilhada eu movimentaria.

Segundo os textos míticos nagôs, sem Exu não há comunicação. Em uma palavra – que nunca é apenas única senão rastros e borraduras (im)possíveis – Exu é “palavra” que comunica e posterga a morte, porque permite à narrativa o relato do relato, articulando a vida. Símbolo de um processo de crescimento, Exu conduz o pensamento à vertigem, marcando no discurso da metafísica os limites de sua conceituação (FERNANDES, 2018, p. 09).

Foi ali, na encruzilhada que me encontrei. Olhei para os lados, via tudo e não enxergava nada! Segundo Luiz Rufino, Exu é “a boca que engoliu e cospe de forma transformada”. Por isso a vertigem, para que o corpo estremeça e deixe sair os conceitos arraigados pela colonialidade, pois Exu é o orixá iorubano que “versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo” (2016, p.02). Exu não me colocaria na encruzilhada se não percebe a necessidade de um giro para ocorrer a transformação.

Durante a vertigem, sem firmar os pés no chão, no cambaleio do espaço desconstruído, abaixei a cabeça e pedi maleme. Ouvi uma voz me dizer: “Levanta a cabeça, fia” e, ao obedecer a aquele conselho, consegui ver todos os meus ancestrais. Foi na encruzilhada que se iniciou uma desconstrução de sentidos, onde a ruptura começou. Vi a preta velha, uma das mulheres poderosas que me guiam, mostrando que eu não estava só, há toda uma ancestralidade me amparando e trazendo o encantamento necessário para que o reencontro comigo mesma fosse possível na encruzilhada.

DEFUMA, LIMPA, TRAZ AXÉ!

O primeiro caminho mostrado foi o de um terreiro de umbanda. Percebi que apesar de me considerar uma pessoa liberal, ainda era preconceituosa. Minha formação religiosa não admitia essas “coisas de macumba”. A umbanda é uma religião de matriz africana que tem

como base em seus rituais algumas das representações da formação brasileira, como Caboclos indígenas e Pretos Velhos.

Não há como negar a brasilidade e a comunhão intercultural que trafega nessa manifestação religiosa. Serra (2001, p.219) nos diz “É claro que processos sincréticos marcam o horizonte da umbanda, mas é o desiderato eclético que a distingue entre as religiões afro-brasileiras e dá novo sentido aos sincretismos de que ela é partícipe, protagonista ou tributária”. Dentre as várias imagens cultuadas no congá, vemos uma mistura de elementos africanos, indígenas e europeus.

O terreiro Casa Ecumênica Pai José, onde se deu esse primeiro caminho, fica localizado no Parque Ecológico, um dos bairros que fazem parte do Complexo do Baianão, em Porto Seguro - Ba. É uma das casa de Umbanda mais conhecidas da cidade. O espaço é grande e a gira é completa! Por ali passam pessoas de todas as classes sociais que procuram auxílio espiritual para os mais diversos problemas de saúde, financeiros, sentimentais, etc. e que são atendidos por médiuns que cedem os seus corpos para os espíritos fazerem a caridade.

A decolonização do que eu pensava saber começava naquele local! Tambores e defumação faziam a limpeza das epistemologias eurocêntricas que me envolveram até aquele momento. O “pensador” sempre preocupado com as ritualísticas do cotidiano começou a pensar de outras formas, conheceu diversos saberes outrora desconhecidos.

Os tambores, instrumentos ancestrais tocados por mãos de jovens umbandistas, convocavam o povo de Aruanda⁵ para saravá dentro do terreiro, assim como faziam os nossos ancestrais que viveram os tempos da escravidão no Brasil quando chamados para (re)memorar as práticas africanas.

Giram os médiuns, a mente, a força, até tudo se tornar axé. É na vertigem que as energias se envolvem, não sou mais eu, sou aqueles que vieram antes de mim. Minha mente não me pertence e tudo muda. O olhar, a postura, o sorriso. A coluna “enverga”, pega a bengala, puxa o banco, acende o toco, toma o café sem açúcar. Com os ouvidos e olhos bem apurados através da sabedoria adquirida pelo tempo, buscam compreender o ser que está a sua frente. Não há julgamentos. São os pretos velhos que descem no terreiro para atender aqueles que precisam.

E agora? Como olhar, sentir, pertencer, se percebo através dos olhos dos meus ancestrais a mim e ao outro com um novo olhar? Nada será como antes! Com essa percepção, observo os outros caminhos que estão na minha encruzilhada.

⁵ Aruanda é, segundo os dogmas da Umbanda, a morada “celeste”.

O primeiro caminho tem um slogan: “Educar para transformar”. Podemos começar com uma etimologia das palavras apresentadas nessa frase. Educar: a palavra vem do latim *educare*, que deriva de *ex*, que significa fora ou exterior e *ducere* que apresenta o sentido de guiar, instruir, conduzir. Poderíamos dizer que educar é guiar ou instruir para fora. Transformar também é uma palavra que deriva do latim *transformare* fazer mudar de forma, de aspecto. Mas qual é a mudança que querem fazer se os bancos da escola querem transformar os indivíduos em “iguais”, sem respeitar sua individualidade? O que querem colocar pra fora? Os negros, índios, gays e lésbicas que não conseguem se identificar com a educação que tem sido apresentada até aqui?

É uma contradição, todavia chamar de educação os sistemas ideológicos e suas práticas políticas, de linguagem e sociabilidade, que formam os seres para a desumanidade e escassez no mundo. Práticas e repertórios de formação de pessoas e mentalidades calçadas no racismo e nas pretensões de dominação devem ser revisadas e devidamente tratadas. (SIMAS e RUFINO, 2019, P.53)

O sistema que deseduca se assemelha a uma prisão. Ali, não são os tambores que tocam, mas a sirene. O horário é determinado, os currículos divididos em grades. A realidade escolar apresentada nesse texto poderia estar se referindo a qualquer escola de Ensino Médio Regular, mas esse é meu lugar de vivência, de experimentação diária, Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães em Porto Seguro- BA, situada na BR 367, escola de grande porte com 15 turmas por turno. Por questões sociais e geográficas, recebe a maioria dos alunos oriundos de escolas situadas na parte alta da cidade, principalmente os adolescentes que residem no Complexo do Baianão.

Segunda-feira, dia de Exu, começa a missão: 13 turmas, 26 horas aulas, plano de aula, plano anual, plano por componente curricular, diário. Escrevo no quadro, explico o assunto, dou visto, faço planejamento, cumpro horário até chegar sexta-feira, dia de Oxalá. Chega o final de semana, e eu na certeza que poderia ter feito mais, mas fazer o quê quando se está presa entre as grades do portão e as grades curriculares?

Volto a encruzilhada, lá tem outro caminho!

Sempre tive em mente que para pertencer a uma religião deve-se estudá-la. Iniciei estudando sobre os rituais da umbanda, suas entidades, seus pertencimentos. E, através dos pretos-velhos, comecei a tentar compreender melhor a história daqueles que vieram antes de mim, meus ancestrais. A fome de saber não saciava com os textos que lia, necessitava conhecer mais.

Já havia ouvido falar sobre a Universidade Federal do Sul da Bahia, mas ainda não a conhecia, até que surgiu a oportunidade de fazer um componente curricular como aluna especial do mestrado. Ao estudar sobre a População Negra do Sul da Bahia, percebi o quanto eu não sabia a respeito daqueles que viveram antes de mim, suas guerras, conquistas, pertencimentos. A visão começava a desembasar. Saber da história de mulheres e homens negros que viveram nessa região e as formas encontradas para resistir a uma época onde o machismo e o preconceito eram legalizados, desconstruíram o olhar que eu tinha sobre a escravidão. Sempre me perguntei porque os negros não se rebelavam contra aquela situação e as respostas dos livros de história não respondiam adequadamente. Afinal, a história não era contada por aqueles que sofreram na pele aqueles dias de horror.

Estratégias! Comecei a ler teses de mestrados e doutorados que eram disponibilizadas na matéria que cursava e era isso que mostrava. Os negros desenvolveram estratégias para viver naqueles dias que estavam forçadamente distantes da sua terra, do seu povo, da sua história e da sua cultura.

Continuei como aluna especial e a vontade de aprender só aumentou. Agora eram duas matérias. A primeira falava sobre a História da África e Historiografia Africana. Mais uma vez percebi que nada sabia sobre a África, nem história, geografia, nem cultura. A generalização a que reduzem esse continente é absurda! São tantas Áfricas dentro de uma só! Tantos movimentos! Tradicional e “moderno” convivem até os dias de hoje. A África, berço da humanidade, lugar onde a história dos ancestrais não é perdida em meio ao caos do dia a dia. Redescubro a minha origem, lugar de meus ancestrais.

Inimaginável pensar em “coisas de macumba” dentro da universidade. Mas existe espaço, um lugar para nos desconstruir e renovar nosso axé! Com Filosofia da Ancestralidade, vi Exu dentro da academia. Desconstruindo e reconstruindo saberes, movimento, acelerando, dando gargalhadas, nos levando para fora do lugar comum e mostrando a ancestralidade dentro de cada um de nós. Há pedagogias das encruzilhadas, padês, orixás, yiamis, nagôs, sagrado, profano, África, Brasil, rizoma. Abrindo uma cosmovisão para dentro de cada um, para o todo. Deitamos na esteira, aprendemos sobre nós mesmos, renovamos os pensamentos, repensamos nossas práticas educacionais.

A esteira é o nosso chão de pertencimento, são as nossas experiências, nossos saberes, nossos valores, nossos sentidos. Histórias tecidas por bocas e ouvidos dóceis, ou seja, ouvidos que desejam ouvir e aprender com a ancestralidade, desde a ancestralidade, e assim ouvir não apenas com os ouvidos, mas com os sentidos, de corpo inteiro. Memórias ancestrais tecidas pelo nosso viver. Memórias em movimento para descolonizar, transfor-Amar. (MACHADO, 2020, p. 31-32)

Os olhares na encruza mostravam que a confluência dos caminhos nos incitava a lembrar de outro espaço, pois era como se estivéssemos numa gira, mas era uma gira epistemológica. A encruzilhada, caminho eleito por Exu para que eu percorresse um caminho para um encontro comigo mesma, é lugar onde o “dono da encruza” gargalha das colonialidades e com uma baforada no cigarro e um gole de marafo desfaz miasmas coloniais que se agarravam a minha memória.

VOLTANDO À ENCRUZILHADA

Observo que agora os caminhos se encontram no meio da “encruza”. Além de ter me levado àquele local para fazer com que eu observasse meus caminhos, Exu queria mostrar que dentro do olhar dos meus ancestrais africanos, não há separação entre o que é físico e o espiritual, não há dualidade, somos um e somos o todo.

Segundo Aldibênia Machado, quando temos nossa espiritualidade permeando nosso viver/ser, devemos pedir sabedoria a nossa ancestralidade para transmutar as violências geradas pelo racismo em “potência para desconstrução do desencantamento do mundo que nos adocece, assim como de suas armadilhas (2020, p. 34)”. A experiência relatada só foi possível porque houve a permissão para que a espiritualidade, através da ancestralidade, pudesse me mostrar a encruzilhada e suas diversas possibilidades.

Falar de religiosidade/espiritualidade é dizer de ancestralidade, saberes, práticas, acolhimento. É levar para as práticas educativas conceitos que foram subjugados por séculos, mas que deveriam ter permanecido por trazer em si o respeito ao ser e não ao ter. (Re)pensar tais ações no âmbito educacional traz, por si só, evocar a resistência que foi iniciada por aqueles que vieram antes de nós e que nos trouxeram até aqui.

(...)a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. (OLIVEIRA, 2009, p.02)

Rasurar as epistemologias eurocentradas e propor novos caminhos para educação é ação de resistência, pois permite ao subjugado ser protagonista da sua própria história.

Existem várias possibilidades para que a resistência aconteça, uma delas é trazer os saberes que são promovidos na comunidade em teoria e prática para do ambiente escolar. O movimento que a educação necessita para pôr em prática a inclusão, o ensino significativo e despertar o interesse dos educandos está nessa compreensão que a escola não deve estar no lugar onde se transmite conhecimentos, mas na função de produzir conhecimentos de todos os tipos, não só os eurocêntricos.

A pluriversalidade de saberes pode ser a peça chave para a desconstrução de uma suposta homogeneidade na educação. Isso “implica uma noção de humanidade integrada à de natureza, implica em preservação da vida em toda a sua amplitude” (SIMAS E RUFINO, 2019, p.53), para que possamos quebrar as grades curriculares e compreender as escolas como grandes comunidades e preenchê-las de experiências, práticas transformadoras e saberes ancestrais para transformar esses espaços em lugares acolhedores, onde há prazer na troca de sentidos, movimento, corporeidade. Nesse momento a frase “Educar para transformar” fará sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Espirais da linguagem de Exu: por uma filosofia do Òkòtó. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. 18, p. 4-15, 2018.

MACHADO, Aldibênia Freire. Filosofia Africana desde saberes Ancestrais Femininos: Bordando perspectivas de descolonização do Ser-Tão que há em nós. Revista da ABPN • v. 12, n. 31 • jan – fev 2020, p. 27 a 47.

OLIVEIRA, Eduardo D. Epistemologia da Ancestralidade. Entrelugares. Revista Eletrônica de Sociopoética e abordagens afins. Vol 1, número 2. Março/agosto de 2009.

RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhas. Seminário dos Alunos PPGASMN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

SERRA, Ordep. No caminho de Aruanda: A umbanda candanga revisitada. Revista Afro-Ásia n.25-26, p.227, 2001.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Flecha no Tempo. 1º edição – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.